

## Capital e Geografia<sup>1</sup>

Pierre Monbeig

Embora com divergências e hesitações todos os geógrafos acabam por aceitar um certo número de princípios básicos. Em graus diversos, uns e outros reconhecem, por exemplo, que o homem é um agente geográfico ativo, que sua ação sobre o relevo da paisagem terrestre é tão decisiva quanto a das águas ou dos ventos. Entenda-se por homem, os homens, os grupos humanos, nem o indivíduo nem a abstração zoológica "homens". A ação geográfica do homem é evidentemente inseparável dos demais fatores físicos ou biológicos. Em outro capítulo desta coletânea encontra-se o que se deve entender por "fato geográfico", tendo-se já salientado suficientemente que a pesquisa geográfica trata de conjuntos complexos. Os geógrafos estudam, pois, relações de essência diferente, dentre as quais as influências humanas não são as menos poderosas; relações cujas ações recíprocas conduzem à formação das paisagens que caracterizam áreas mais ou menos extensas, mas que podem ser cartografadas. Acontece algumas vezes que um dos fatores, cuja ação combinada com a de outros contribui para a formação de uma paisagem, não aparece diretamente, ou nela não se mostra com clareza. Nem por isso tal fator deixa de exercer um papel suficiente para que se possa negar-lhe uma atividade geográfica, que convém estudar, tanto quanto as outras.

Ainda que essas noções sejam admitidas comumente, deve-se convir que não são aplicadas com rigor excessivo e que os geógrafos nem sempre delas tiram tudo o que poderiam obter.

Consideremos por exemplo a grande maioria dos manuais de geografia econômica e a maior parte das obras gerais da geografia humana. Não se pode deixar de ficar surpreso com a pouca atenção dada a um dos fatores geográficos mais eficientes: o capital.

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado como capítulo do livro de Pierre Monbeig: *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1957.

Não faltam manuais de geografia econômica, e em todas as línguas. Alguns pretendem mesmo ser redigidos não para alunos que se dedicam à pesquisa desinteressada ou ao ensino, mas para alunos de escolas técnicas que se destinam à carreira comercial; trata-se, portanto, de livros que deveriam aliar aos últimos conhecimentos da ciência, um ensino utilitário, estreitamente ligado às mais mezinhas realidades cotidianas. Não se pode negar a esses livros excelentes qualidades, nem pretender que seus autores tenham-se agarrado a uma geografia caduca. Encontra-se neles uma tentativa de descrição e também um esforço apreciável de explicação, baseado na ordem natural, nas influências humanas. A maioria dos autores atribui a chave da explicação ao clima, ao solo, à estrutura geológica ou à posição geográfica. Tudo isso pode aparecer excelente e muito justo, mas não é tudo. A deficiência aparece ao encarar-se a que conduzem esses manuais de geografia econômica: uma classificação de países se assemelha ao resultado duma corrida de cavalos. Primeiro prêmio de algodão: os lotados Unidos, seguidos de longe pela Índia ou pela China; primeiro prêmio do aço: Estados Unidos, segundo prêmio, URSS, etc. Esta lista de felizes vencedores, acompanhada de uma explicação extraída essencialmente das condições do meio natural, toma ares de predestinação. A eterna presença dos mesmos bons corredores tem qualquer coisa de irrevogável. Idêntica atitude aparece nas geografias humanas que falam da "vocaçã" duma região: a vocaçã pastoril do pampa, a vocaçã comercial de Marselha. Esquecem-se de que hoje o pampa é mais agrícola do que pastoril, e que Marselha nem sempre foi uma grande praça comercial. Vocações com eclipses, dever-se-ia dizer: classificaçã provisória dos bons corredores do algodão ou do aço, pois o meio natural nada impõe.

A fim de não ser taxado de injusto nem de ler opinião preconcebida, é preciso acrescentar logo que nem todas as obras de geografia econômica caem nessa armadilha. Algumas delas concedem aos homens uma participação ativa na organizaçã econômica do planeta, apresentando bons exemplos. Li por acaso recentemente uma boa geografia econômica da América do Sul escrita por Whitbeck, onde encontrei uma passagem interessante sobre o aproveitamento das jazidas de cobre de Chuquicamata no Chile<sup>2</sup>. O autor mostra, com muita pertinência,

---

<sup>2</sup> Whitbeck and Williams. *Economic Geography of South América*, Nova York, 2 ed, 1950, XII, 469 pp., cf. p. 196.

como, em dado momento, teve início essa exploração, porque o momento era propício, porque a situação geográfica do minério tornava possível a exploração, e porque os homens, financistas e engenheiros americanos, tiveram a inteligência de aproveitar o momento e a situação. Chuquicamata abre-se portanto sob os felizes auspícios da trilogia dos três *P: place, period, people*. Tudo isto está bem, mas não estaria melhor, embora com o risco de desfazer a trilogia, se se acrescentasse *money*? Por que o momento foi sobretudo um momento econômico; porque a situação tinha valor em função dos preços de custo e dos preços de venda; porque esses homens trouxeram capitais que faltavam até então para explorar o cobre.

Deixemos aos historiadores das ciências ou aos sociólogos o cuidado de indagar o motivo pelo qual os geógrafos, respeitosos sem dúvida, medrosos provavelmente, detêm-se diante das portas da Bolsa. Entretanto, se dispomos de muito bons estudos sobre a geografia da energia, do trigo, do minério ou das estradas de ferro, ainda não possuímos a geografia dos capitais. Não será uma lacuna se nos lembrarmos que sem eles a geografia da energia seria muito diversa do que é? Que a geografia do trigo e do ferro deveria ser refeita, se não existissem os capitais, e que a das estradas de ferro desapareceria? Quando se procura assinalar a presença das grandes regiões, regiões do planeta, regiões de onde o homem não foi excluído, sente-se a tentação de partir, com justa razão, dos grandes quadros climático-botânicos. Mas ter-se-á ainda razão de assim agir numa época em que as aglomerações urbanas de estilo americano-europeu emergem em pleno trópico, como Caracas, Rio de Janeiro, São Paulo, Dakar, Leopoldville? Numa época em que o estilo de vida opõe ao camponês andaluz ou libanês o agricultor californiano que vive em clima análogo? Numa época em que, a organização do espaço depende menos das condições físicas do que dos recursos financeiros e sistemas econômicos? As causas da diferença de aproveitamento e de ocupação do solo na África e no Brasil poderão ser imputadas sem dúvida à diversidade dos homens, mas com prudência, pois os africanos foram importados neste, lado do Atlântico e é reconhecida a fragilidade das explicações raciais. O historiador nos aconselhará, então, a não esquecer as diferenças entre os investimentos na África e no Brasil.

No estado atual das pesquisas não se pode cogitar sequer de um esboço de geografia do capital. Somente nos apercebemos que este último, o capital, é - para

usar, ligeiramente modificada, a fórmula do Prof. Aroldo de Azevedo - um grande desconhecido dos geógrafos. Entretanto alguns exemplos poderão contribuir para melhor compreensão do papel geográfico do capital e sugerir alguns caminhos para as pesquisas.

\* \* \*

Um dos capítulos mais clássicos de toda e qualquer pesquisa de geografia humana é o estudo do gênero de vida, associado, num estudo sobre uma região rural, ao sistema de cultura. É reconhecida a minúcia com que os geógrafos se entregam a esses inquéritos e como levam em consideração o maior número de fatores possíveis. Nada parece escapar ao seu crivo e, no entanto, raramente indagam qual é o papel do capital na existência de um gênero de vida ou no funcionamento de um sistema de cultura. Ao realizar um inquérito numa fazenda ou num sítio, o geógrafo não esquecerá a planta da casa, nem o material da cultura, nem tampouco o número de trabalhadores, o consumo de adubos e muitas outras coisas de todo gênero. Mas compreenderemos na verdade a vida, se nada conhecemos do capital empregado e do seu rendimento?

Os diferentes aspectos da vida rural e da agricultura paulista só se tornam plenamente compreensíveis concedendo-se um amplo lugar à organização financeira e às influências econômicas nacionais ou estrangeiras. A expansão cafeeira não se explica exclusivamente pelo esgotamento dos solos e redução dos rendimentos. É melhor esclarecida fazendo-se intervir as consequências da tradicional política de defesa e valorização do café. Esta que, frequentemente, deu aos fazendeiros um rendimento artificialmente satisfatório, estimulou-os a plantar cada vez mais, a ampliar as culturas. É do conhecimento geral que se assiste atualmente à expansão das plantações nas regiões novas, tanto quanto nas velhas; assiste-se não somente à recuperação dos cafezais decadentes, mas à derrubada dos farrapos de matas que haviam escapado à destruição anterior. Não se pode discordar de que tudo isso é eminentemente geográfico. Mas concordarão comigo, também, ser normal que o geógrafo procure compreender os fatores da nova expansão do café, das mudanças na paisagem. Ele compreenderá que se planta muito porque o café é bem vendido, o que o levará a procurar as causas dos preços

altos do café. Encontrá-las-á menos nas condições climáticas, do que na política comercial e financeira do Brasil.

A expansão cafeeira atual é uma consequência do problema das trocas, que o geógrafo deve conhecer. O trabalho de D. Nice Lecocq-Müller, sobre os tipos de sitiante no Estado de São Paulo, foi um grande passo à frente no conhecimento dos seus gêneros de vida e sistemas de cultura. Verifica-se com espanto que a pequena propriedade não consegue fixar o homem à terra, como era de esperar-se. O sitiante desloca-se com espantosa facilidade. Nota-se ao mesmo tempo que os processos do cultivo e os rendimentos são, no final das contas, menos satisfatórios do que se poderia esperar numa pequena propriedade cujo dono, auxiliado pela família, é em muitos casos herdeiro do camponês mediterrâneo. Seria mister talvez relembrar as necessidades financeiras do sitiante e a organização do crédito agrícola para subvencionar essas necessidades. Raramente se lhe apresenta outra possibilidade além da de dirigir-se a capitalistas, cujas exigências são desastrosas. Resta ao sitiante apenas uma solução, que lhe dá ânimo: a ilusão de que, mudando-se para outro lugar, deixando um sítio por outro, as coisas melhorarão. Quando se vem a saber que em algumas regiões, que, são as mais pobres e, tecnicamente, as menos evoluídas de São Paulo, todas as colheitas são compradas por um único negociante e todo crédito depende desse mesmo único negociante, compreende-se melhor a situação. É um raio de luz que se projeta na paisagem.

Se ainda fosse necessário insistir nos laços que ligam os modos de ocupação do solo, os gêneros de vida e o capital, recomendar-se-ia ao leitor o estudo sociológico do professor Willems sobre Cunha. Ele mostra de que maneira a substituição das culturas tradicionais pela pecuária foi seguida pela criação de bancos nesta pequena cidade. A economia quase fechada reinante anteriormente podia dispensar a organização crediária. Mas os mineiros que invadiram a região, que compraram as terras, levantaram cercas ao redor de suas propriedades e começaram a vender fora, não podiam dispensar os bancos. Com eles novo detalhe foi introduzido na paisagem urbana da cidadezinha, ao mesmo tempo que aparecia uma nova função. Seria interessante, sem dúvida, indagar se a imigração mineira na região do vale do Paraíba foi acompanhada da atividade crescente dos bancos.

Estes rápidos exemplos mostram aos geógrafos que os problemas financeiros, as organizações bancárias, fazem parte do conjunto de elementos que constituem um complexo geográfico. Ninguém duvida de que as propriedades intrínsecas dos solos tropicais e dos climas paulistas tenham representado papel do primeiro plano na marcha para oeste. Mas seria suficiente invocá-las para tudo explicar e colocar nos devidos lugares esta agricultura cafeeira em permanente mudança? Não se cogita de afirmar que a terra roxa não participou do florescimento cafeeiro, nossa intenção é simplesmente lembrar que ela, por si só, não bastaria, caso os fazendeiros paulistas não possuíssem capitais suficientes para abrir fazendas, construir estradas de ferro e organizar a imigração livre. Neste caso, como em muitos outros, o capital teve um papel cuja análise é tão indispensável quanto à dos tipos de solo para a compreensão do fenômeno complexo que foi a marcha do café.

De resto esse não é um caso excepcional; é sugestivo compará-lo ao desenvolvimento da viticultura na Argélia no fim do século XIX. Com rapidez que faz lembrar a da expansão cafeeira no Brasil tropical, a vinha apossou-se das planícies litorâneas argelinas a partir aproximadamente de 1880. Indiscutivelmente, isso só se pôde dar porque as condições ecológicas, e primordialmente o clima mediterrâneo, eram favoráveis. Em geral completa-se a explicação lembrando que, na época, a famosa moléstia do filoxera devastava os vinhedos do sul da França e arruinava os vinhateiros. Estes emigraram para a outra margem do Mediterrâneo e, com suas novas plantações, abasteceram o mercado francês refazendo ao mesmo tempo suas fortunas. Tudo isso é indiscutível e nos explica, ao menos em parte, o porquê das coisas. Mas a explicação se torna insuficiente para quem quiser também conhecer o "como", esse "como" cujo conhecimento é a meta essencial da pesquisa científica. De fato, é pouco claro o processo pelo qual esses viticultores franceses que se nos apresentam como arruinados, empobrecidos pelo filoxera, puderam plantar vinhas na Argélia, construir cantinas e organizar o sistema de vendas. Uma tal obra, que mudou radicalmente a paisagem ao redor de Argel, de Orã, de Bône, não se fez por meio de uma varinha de condão, mas exigiu capitais, uma organização bancária e a montagem de um aparelhamento financeiro. O Banco da Argélia representou todos esses papéis, tornando-se fator geográfico tanto quanto o clima mediterrâneo, e mesmo, fator mais importante, pois, quando após alguns anos os vinhedos franceses começaram a produzir, o mercado consumidor ficou saturado;

a Argélia e seus novos vinhedos passaram pelo tormento de uma crise de superprodução. Muitos dos grandes vinhateiros, que tudo deviam aos bancos, viram-se arruinados e obrigados a entregar-lhes seus bens imóveis. O governo interveio, finalmente, e chamou a si a defesa dos vinhateiros, sustentando artificialmente os preços do vinho. Desde então, a situação não se modificou profundamente: a viticultura argelina conservou de sua origem um caráter especulativo acentuado. Durante as crises a vinha recua; alguns anos de prosperidade fazem-na progredir. Não existem diferenças fundamentais entre a grande propriedade vitícola argelina e a fazenda de café; uma e outra podem ser consideradas como variantes da *plantation*. Os processos de financiamento criam pois analogias, que se superpõem às diferenças do meio geográfico.

Cabe aqui perguntar se não se devia proceder à revisão da cartografia costumeira dos modos de ocupação do solo e da economia em função dos grandes quadros naturais e, eventualmente, substituí-la por uma cartografia baseada nos modos de utilização do capital. Isto significa que encontramos neste último, um elemento novo de geografia geral.

\* \* \*

Passaremos ao exame de um segundo tipo de pesquisas geográficas, no qual a maior atenção dada aos fatores financeiros contribuiria para reforçar a eficácia e a segurança do nosso trabalho: o estudo regional.

Representa este um dos temas favoritos do geógrafo, que procura caracterizar e delimitar uma certa área superficial, em função das influências que nela exercem os fatores físicos ou humanos. Como sempre, põem-se em destaque as relações entre estes fatores e a sua combinação geográfica. Ora, tais elementos não possuem igual valor; a avaliação dessas ações desiguais constitui uma outra fase da pesquisa regional. Pode suceder mesmo, que um dos fatores apareça com tal importância que imponha seu cunho no interior de uma área, área essa que será, portanto, definida pela preponderância desse fator dominante. Podemos, pois, definir uma região partindo da produção: região mineira, região pastoril, ou ainda, em função das comunicações e de sua ação sobre o povoamento, como as regiões ferroviárias do

Brasil; ou então pode-se considerar como unidade regional a área sobre a qual se exerce a ação de um aglomerado urbano. Poder-se-iam apontar outros critérios regionais, mas seria necessário não esquecer a região bancária. Os bancos, por sua ação financeira, pelas atividades que nascem e vivem com seu auxílio, pelas relações que estabelecem e mantém, concorrem poderosamente para animar a vida regional. Não entrando pelos olhos como um trem carregado de minérios ou um caminhão repleto de fardos de algodão, nem por isso o dinheiro deixa de ser uma mercadoria que circula, que ativa uma região e pode contribuir para individualizá-la.

Falta-nos ainda o estudo regional bancário. Pode-se assinalar, entretanto, a próxima publicação de uma tese de doutorado defendida em França, na qual o autor, o Sr. Labasse, estuda a região bancária lionesa. Por meio de mapas ele mostra até onde se estende o raio de ação dos bancos de Lião, e a não coincidência dos limites dessa esfera de influência com os da região industrial. Surge daí o problema que o autor procurou resolver, sem deixar de indicar as variações, no tempo, dessa região bancária. Passa, a seguir, ao estudo das influências que os capitais lioneses exerceram e ainda exercem sobre as atividades industriais e rurais no interior de seu raio de ação: esses bancos, pelas facilidades de crédito, pelos métodos bancários adaptados às circunstâncias, contribuíram para a expansão de certas culturas e, em consequência, exerceram ação direta sobre a vida rural. Não é menos interessante sua participação na vida urbana. Os edifícios dos bancos concorrem para caracterizar a paisagem de alguns bairros e dar-lhes um certo movimento. Além disso, os bancos são visitados pelos depositantes que habitam a zona rural. Isso se dá na região lionesa onde algumas cidadezinhas foram outrora pequenos mercados locais, movimentados em dias certos pela presença dos camponeses que vinham vender os produtos de suas terras. As transformações da economia, as revoluções dos meios de transporte arruinaram essas atividades comerciais e mercados urbanos. Os lavradores, em troca, aprenderam a utilizar-se dos bancos; hoje eles tem suas contas, sua escrituração. E semanalmente, nos mesmos dias do mercado de outros tempos, quando compareciam nos carros de seus avós, esses agricultores modernos vão à cidade para passar no banco, onde tratam de seus negócios. Curiosa sobrevivência no meio rural da antiga função comercial da cidade. Sobrevivência dentro do quadro das técnicas financeiras e comerciais modernas. Ela pouco afeta a paisagem sensível, porém constatamos a existência de uma rede de



relações ligadas a alguns modos de ocupação do solo (agricultura comercializada) e, ao mesmo tempo, a gêneros de vida que trazem a marca de um longo passado. Tudo isso é geográfico, pois é cartografado com facilidade e serve para definir uma região.

Objetar-se-á, talvez, que o que acontece na região de Lião pode não acontecer no Brasil: contraste aparente e ilusório entre um país "velho" e um país "novo". Dir-se-á também que o caboclo nada tem a ver com os bancos e que ele não é o arboricultor nem o invernista dos campos lioneses. Sem dúvida; mas não existe apenas o caboclo neste imenso Brasil e, em muitas regiões onde a agricultura é orientada para os mercados urbanos externos, o papel regional dos bancos mereceria ser objeto de inquéritos.

Quando se circula na interior de São Paulo, do Paraná ou de Minas, nota-se a existência de bancos cujo berço nem sempre foi um centro urbano de primeira grandeza (como por exemplo o Banco Scatena nascido em Batatais, cidade satélite de Ribeirão Preto). Conhecem-se alguns grandes fazendeiros que se tornam banqueiros estabelecidos nas metrópoles do país e cuja ação se faz sentir nas zonas rurais. Mas, segundo parece, até hoje ninguém estudou a origem desses bancos, qual a sua influência e seu raio de ação.

Um belo assunto se acha ao dispor de quem quiser estudar o caso dos bancos de Minas Gerais. Alguns deles são antigos mas- que tipos de homens os criaram? com que capitais e com que intenções? Em que regiões começaram a funcionar? Nas últimas décadas do século XIX, que assistiram ao progresso do café em São Paulo, esses bancos são inseparáveis da expansão mineira, que foi de homens mas também de capitais. Sabe-se hoje que a rede dos bancos mineiros estende-se além das fronteiras do Estado montanhês; mas seria necessário cartografá-la, estudando-lhe o mecanismo.

Consta ter-se verificado recentemente uma diminuição dos depósitos nos bancos de Minas e o fechamento de contas-correntes em várias sucursais criadas naquele Estado. Surpresos, os bancos procuraram as causas dessas liquidações e constataram que correspondiam à mudança dos depositários para as regiões

pioneiras de São Paulo e do Paraná. Tirando daí rapidamente as conclusões que se impunham, esses bancos abriram agências nas cidades pioneiras, a que logo os emigrantes mineiros acorreram de pronto com seus depósitos e sua confiança. Migrações humanas, migrações bancárias, decadência de algumas regiões e prosperidade das zonas pioneiras, eis um conjunto de fatos à espera do geógrafo. Sua pesquisa terá maior interesse por mostrar coisas curiosas tais como o crescimento rápido dos bancos em Maringá, uma das mais jovens cidades do Paraná (com nada menos de 16 bancos). Trata-se de uma região cafeeira e de pequenos proprietários. Comparando-se com as regiões paulistas análogas, parece que nestas não se verificou tão rápida e impressionante floração bancária. Quais as causas e que significam essas diferenças? Não se poderia tirar daí úteis indícios para individualizar regiões cujas paisagens são quase idênticas?

O estudo geográfico dos bancos merece, pois, ser feito. Em linhas gerais, deve-se começar pelo levantamento estatístico do número de estabelecimentos e por colocá-los no mapa. Esta cartografia deverá levar em conta as características de cada estabelecimento: sede, sucursal, filial, casa bancária, etc. Dever-se-á também examinar o volume dos negócios de cada banco, recuando o mais longe possível no tempo, sem omitir as flutuações sazonais. A fim de estabelecer os laços entre o papel dos bancos e a estrutura social, poder-se-á indagar qual o volume médio dos depósitos e dos empréstimos, assim como os números extremos de uns e outros. As relações entre a função bancária e as produções regionais aparecerão ao serem considerados os diferentes destinos dos empréstimos e suas modalidades. É óbvio que os dados estatísticos serão, na medida do possível, postos em mapas, procurando-se igualmente cartografar as residências dos clientes, cujas atividades profissionais serão assinaladas. Constatar-se-á também uma hierarquia de casas comerciais entre as capitais regionais e os núcleos urbanos menores. Procurar-se-ão analogias no movimento bancário. Por fim o inquérito não deixará de parte as caixas econômicas, que exprimem realidades outras que os bancos propriamente ditos.

Uma grande variedade de inquéritos já existe, nesse terreno, à disposição do geógrafo. Seus resultados trarão dados complementares que deverão ser confrontados com os de outros inquéritos. O perigo está em se ater às questões

dessa ordem e pretender delas tirar tudo. Seria afastar-se então do trabalho geográfico, deixando de parte os estudos das relações entre os fenômenos cuja reunião constitui, repetimo-lo incansavelmente, o centro do interesse geográfico.

\* \* \*

Há um outro aspecto da ação geográfica do capital. Seria oportuno enfocar agora o interesse geográfico apresentado pelos fenômenos de concentração econômica e financeira. É perfeitamente normal que o inquérito de geografia rural trate das dimensões das propriedades agrícolas, pois é conhecido o quanto os modos de ocupação do solo, as técnicas culturais, os modos de povoamento e os gêneros de vida, encontram-se associados aos diferentes tipos de propriedade. Problemas de ordem idêntica levam os geógrafos a considerar as dimensões dos empreendimentos industriais, comerciais e bancários. O maior ou menor grau de concentração dos empreendimentos, as formas de integração horizontal ou vertical, tem consequências geográficas.

Apresentaremos alguns exemplos tomados na recente evolução da economia francesa, onde a concentração se evidencia cada vez mais. Um estudo da distribuição regional da riqueza e de sua evolução foi publicado, há pouco, pela Conferencia Nacional do Patronato Francês. Em carta publicada na imprensa foi mostrado o empobrecimento constante de algumas regiões, particularmente o oeste da França e, *grosso modo*, a região ao sul do Loire, enquanto que a riqueza tende a concentrar-se geograficamente ao redor de Paris, no norte e no leste, e, em menor escala, ao redor de Lião, e junto a Marselha. O que mais ressalta é o desequilíbrio, tendente a acentuar-se, entre as regiões. É evidente que a carta dinâmica da riqueza pode ser facilmente comparada à das atividades agrícolas (em geral, regiões onde a riqueza tende a diminuir) e à das atividades industriais. Completa-se assim a visão geográfica e econômica da economia francesa com o maior conhecimento de seus aspectos regionais.

Entretanto seria simples demais ater-se aos gêneros de explicação propostos acima. Uma aproximação dos fatos e a progressiva concentração dos empreendimentos comerciais e industriais traz a melhor compreensão do mecanismo. Um pequeno

exemplo nos fará melhor compreender o assunto. Um estudo da circulação rodoviária no departamento de Cher, publicado no Boletim da Associação dos Geógrafos Franceses em 1954, insiste na fusão de várias empresas de transporte de passageiros. Deu-se a fusão para pôr fim à concorrência e reorganizar os serviços rodoviários. Foram suprimidas as linhas menos rendosas e melhoradas aquelas que, ao contrário, dão lucros mais elevados; tudo isso é normal e o aspecto geográfico é apenas secundário. Avancemos mais no nosso inquérito; perguntemos quais as linhas rodoviárias rendosas e, portanto, melhoradas, quais as linhas deficitárias e, portanto, abandonadas. As primeiras são as que ligam os grandes centros urbanos do departamento e usam as rodovias bem conservadas, nas quais os ônibus podem atingir grandes velocidades e são utilizadas por número sempre elevado de passageiros. As segundas serviam a parte mais rural e mais pobre do departamento; o povoamento de forma dispersa acarreta a presença de uma rede de estradas estreitas e muito sinuosas, o que reduz a rapidez, nas quais as paradas são frequentes para receber os passageiros espalhados nas suas propriedades rurais. Os passageiros são poucos, além disso, pois a pobreza da região não favorece os deslocamentos frequentes. E assim se reduziu a pouco mais de nada a circulação dos ônibus nesta região pobre que, com isso, tornou-se ainda mais isolada e, portanto, ainda mais pobre do que antes. Intensificou-se novamente a emigração rural que havia diminuído nos primeiros anos após a inauguração dos transportes rodoviários. Emigração rural significa abandono das lavouras, fechamento de pequenas casas de comércio, muito provavelmente venda das pequenas propriedades a grandes proprietários que as utilizarão quer como terreno de caça (a região pode facilmente ser alcançada em fins de semana das cidades vizinhas e mesmo de Paris), quer como pastagens. Isto é, houve uma transformação da paisagem por uma causa que decorre da maior concentração financeira das empresas de transporte.

A esse exemplo local podem-se juntar outros tomados na escala nacional. Desde o fim da guerra, as grandes firmas metalúrgicas procederam por etapas a uma concentração cada vez maior. Atualmente quatro grandes grupos financeiros controlam a produção de 60% do aço na França. A centralização teve por finalidade a melhoria das técnicas para baixar o preço de custo.

Pôs-se fim à concorrência e reagruparam-se usinas outrora rivais; pôde-se assim adquirir maquinaria moderna (trens de laminação a frio), muito onerosa para ser adquirida por uma só empresa; tornou-se também possível racionalizar a produção, organizar melhor os mercados fornecedores de matérias-primas ou compradores dos inúmeros produtos fabricados. Existem já, aí, aspectos geográficos. A concentração econômica, sobretudo, que traz a concentração técnica, tem consequências geográficas. Torna-se possível fechar usinas, reagrupando-se várias laminadoras ou vários fornos Martin de maior capacidade, e trabalhando em ritmo mais acelerado do que anteriormente. Às vezes assiste-se à recuperação das usinas velhas atribuindo-se lhes novas funções. Dá-se, pois, uma modificação na carta da metalurgia e das indústrias associadas. Acrescente-se, entretanto, que essas transformações permitem reduzir o número de operários, sendo mais de dez mil os atingidos nos últimos anos. Temporariamente desocupados, esses trabalhadores vão procurar trabalho em outro lugar; emigram, o que também modifica a distribuição geográfica. A este exemplo tomado na metalurgia poder-se-ia acrescentar outros tirados da história recente da indústria carbonífera francesa, após ter-se constituído a comunidade europeia do carvão e do aço.

A situação é idêntica nas indústrias têxteis francesas. Número apreciável delas ainda eram empreendimentos individuais, familiares, e independentes de grandes grupos industriais ou bancários. Uma carta dos têxteis na França indicava uma dispersão relativamente grande. Nos Vosges, uma das paisagens clássicas era a do pequeno vale, com os campos nas encostas, as fiações e tecelagens à beira dos rios. A essa paisagem correspondia um gênero de vida peculiar, no qual a vida rural se associava à indústria. Tudo isso pertence ao passado, pois, de três ou quatro anos a esta parte, reagruparam-se cada vez mais as indústrias têxteis. As empresas pequenas ou médias não puderam resistir às empresas gigantes do tipo Boussac, que engloba desde as plantações de algodão da África até a alta costura, com Dior, e a confecção a preços reduzidos. Financeiramente, a indústria têxtil se concentra cada vez mais. Geograficamente, é cada vez menos dispersa. Alguns proprietários de fiações e tecelagens adaptaram-se a novas atividades ou seus estabelecimentos foram comprados para abrigá-las: fabricação de produtos plásticos, indústrias radioelétricas de precisão ou eletrônicas, que não exigem grandes fábricas, nem mão-de-obra numerosa e que, trabalhando com matérias-primas de pequeno

volume, mas de elevado preço, podem permanecer em locais isolados. Neste caso, a carta das indústrias deve ser modificada. Às vezes, também, a fábrica de tecidos morre; em fins de 1953 setenta e cinco delas fecharam as portas. O desaparecimento dessa atividade industrial teve imediata repercussão no gênero de vida regional, com o êxodo para as cidades e o abandono dos campos.

Há exemplos muito mais conhecidos e muito mais impressionantes de concentração orgânica de empresas. Os manuais de geografia econômica, os bons livros de geografia humana, dedicam algumas linhas, às vezes até algumas páginas, às gigantescas companhias de petróleo, aos perigosos *konzerne* alemães do carvão e do aço, aos trustes como a Bethlehem Steel ou a Republic Steel, aos senhores das indústrias químicas como a I. G. Farben alemã. Citam-se, mas com sabor anedótico, os extremos atingidos pela concentração vertical e como se organiza o controle dos mercados pelos grupos horizontais. Essas referências raramente alcançam a análise das origens geográficas e do comportamento geográfico dos trustes. Reconheçamos que o geógrafo se sente tentado e ao mesmo tempo amedrontado pelas lebres políticas que pode levantar, nada sendo mais temerário do que apresentar fatos em lugar de se ater às idéias gerais. Por esta razão procura, ainda que inconscientemente, esquivar-se das dificuldades, resumindo em algumas linhas apenas o aspecto geopolítico da atividade das empresas gigantes; penetração norte-americana na América Latina, ou no Oriente Próximo, rivalidade franco-alemã, etc. Isso não deixa de ter interesse, mas tê-lo-ia ainda mais e adquiriria maior importância se viesse acompanhado do conhecimento do mecanismo que conduz a tais situações políticas.

Estas, efetivamente, decorrem em grande parte da importância dos interesses econômicos e financeiros em jogo. Se se deve fazer referência às possibilidades das nações (número de habitantes, potencial industrial, etc.), também se deve referir as riquezas dos trustes, isto é, a massa de seus capitais, pois dela depende a agudeza, tanto das rivalidades, quanto dos interesses em jogo. Dever-se-ia mostrar melhor quais as atividades resultantes da ação dos trustes e também quais as possibilidades pelas quais se desinteressam ou que contribuem para deixar em estado letárgico. A competição entre os grupos econômicos e financeiros tem causas e consequências geográficas. Assim é que a insuficiência do aparelhamento

energético na França, o atraso na utilização de seu potencial hidrelétrico não se explicam apenas pelas condições naturais (dificuldades de exploração das bacias de hulha, falta de petróleo) ou históricas e políticas (país parcialmente rural, as duas grandes guerras), mas também levando em consideração a resistência outrora oposta pelas diferentes sociedades hulhíferas a qualquer tentativa séria de aparelhamento.

Estas sociedades, se não se achavam suficientemente organizadas num só bloco financeiro para empreenderem a melhoria da produtividade, o que teria consequências vantajosas na produção de energia, eram todavia bastante fortes para retardar o aparecimento de concorrentes. Comparando-se a situação francesa com as de outros países industriais, chega-se a uma cartografia das formas de organização econômica cujos laços com os tipos de aproveitamento dos recursos naturais, e de desenvolvimento econômico, destacar-se-ão claramente. Em Portugal, os importadores de carvão que estavam em estreitas relações com a Inglaterra e a Bélgica, opuseram-se durante muito tempo, e com bom resultado ao aparelhamento hidrelétrico; e somente a segunda guerra e o predomínio financeiro americano permitiram que se levasse a cabo essa tarefa<sup>3</sup>. Tais fatos tomam aspecto anedótico quando relatados rapidamente, como nos jornais. O trabalho científico começa quando se procura chegar ao fundo das coisas e com a preocupação constante de marcar as relações, quando se tenta reconstituir a maneira pela qual influem e combinam-se todos os fatores. Assim, as consequências sobre a agricultura equatoriana da penetração da United Fruit Co.<sup>4</sup> que, ao comprar terras para nelas cultivar seus bananais, determinou o recuo das culturas tradicionais de arroz, e cacau. Permanência do meio físico mas evolução das culturas, das técnicas, da sociedade rural, isto é, transformações geográficas provocadas pela conjuntura. Poder-se-ia ainda lembrar como a geografia dos preços está sujeita às influências dos trustes; um geógrafo não pode mais ignorar (basta sua experiência pessoal para ensinar-lhe isto) qual a parcela do fator preço nas transformações da produção e do consumo, na persistência ou na expansão dos modos de cultura, nas migrações humanas, afinal. Não se trata de problemas peculiares aos países subdesenvolvidos. Encontram-se situações análogas em toda a parte. Citemos

---

<sup>3</sup> Sobre o assunto, ler com atenção a obra de Pierre George – *Geographie de l'énergie*.

<sup>4</sup> Ivar Erneholm — *Caçõ Production of South America*, Gothenburg, 1948, 290 pp. Ver cap. IV. A filial equatoriana da United Fuits é a Compañia Bananera del Ecuador.

como exemplo as migrações que, no após-guerra, partiram das colônias francesas da África Ocidental para a Costa do Ouro britânica. Elas afetaram os negros, habitantes da floresta ou da savana; permitiram o desenvolvimento das indústrias de mineração e florestais, a expansão das plantações arbustivas na Costa do Ouro; transformaram o pequeno centro de Kumassié numa grande cidade negra.

Qual a força motriz dessas migrações? A depreciação do franco em relação à libra esterlina. Sem o auxílio alheio, os africanos concluíram que era mais vantajoso receber o salário em moeda inglesa para trocá-lo depois em francos e voltar à aldeia, do que permanecer trabalhando em zona francesa. A atração exercida pelo Rio e São Paulo sobre os homens do sertão não está ligada à magia dos salários? Ao lado de uma comparação entre os gráficos das chuvas do sertão e o das migrações internas brasileiras, seria bom colocar um terceiro elemento: a curva dos salários nas duas metrópoles.

Influências geográficas dos preços, influências geográficas das situações econômicas, são temas de pesquisa e de reflexão para os geógrafos. Faz-se mister ainda inverter os termos dos problemas: indagar também o que os preços e os trustes devem às influências geográficas. Os preços de um mesmo produto variam de uma região a outra porque as condições geográficas são diferentes. Levamos isso suficientemente em conta em nossas interpretações dos fatos de localização ou de relação, ainda que os conheçamos bem? Antes de colocar a geografia industrial no eixo das condições físicas, seria necessário apoiá-la mais vezes sobre as desigualdades da distribuição espacial dos preços de custo.

A concentração econômica e financeira do mesmo produto varia de país para país por motivos relacionados a um só tempo à história e à geografia. A hulha, que serviu de fundamento à maioria dos grupos industriais e financeiros da Alemanha, esteve por muito tempo associada a empresas muito diversas na Grã-Bretanha. Na França, a estrutura da indústria hulhífera era de tipo ligeiramente diferente, enquanto nos Estados Unidos o modo de organização apresentava outras modalidades. E não esqueçamos que o sistema nas Democracias Populares é diverso de todos estes. Há, pois, uma cartografia dos tipos de indústria carbonífera, cuja explicação deveria ser procurada. Esta situação anterior a 1939 foi substituída por outra depois de



1946, com a nacionalização das indústrias do carvão na França e na Grã-Bretanha. Fenômeno puramente político, dir-se-á. Mas não é o que constatamos ao submetê-lo à luz do projetor geográfico. E mais ainda: as consequências desta nova organização, desta concentração orgânica alheia aos interesses particulares, são demasiadamente geográficas para que não lhes apontemos as relações. De resto, parece que a produção de energia nas condições da técnica moderna determina a concentração orgânica. A existência de trustes petrolíferos não decorre exclusivamente das condições especiais da economia norte-americana, mas também das necessidades da produção, do transporte e da refinação. O aparelhamento do vale do Tennessee, determinado pelo presidente Roosevelt, marcou a interferência do Estado na economia tradicionalmente individualista dos Estados Unidos. O processo é idêntico em França, onde o equipamento hidrelétrico só foi seriamente levado avante depois da nacionalização das empresas produtoras de energia. Isto em virtude dos trabalhos a realizar exigirem capitais enormes, que as empresas particulares dificilmente arriscariam e também porque o equipamento hidrelétrico não consiste apenas na construção de uma barragem e de uma usina, mas acarreta uma cadeia de problemas, tais como irrigação, navegação, desapropriações, deslocamentos de população, nova orientação das culturas, valorização das terras, possibilidades para a indústria turística, localização de novas indústrias. Abre-se de fato um novo capítulo de melhoramentos caracterizado pela complexidade enorme dos problemas, pela multiplicidade dos interesses em jogo, pela ampliação das questões que se situam não mais na escala local, mas regional e nacional, às vezes até internacional (aparelhamento do Ródano ou do Reno). As coletividades já não podem deixar inteira liberdade aos indivíduos ou aos grupos de interesse particular. Assiste-se, portanto, à evolução ligada às fontes e formas de energia, às paisagens regionais e organizações econômicas e financeiras, isto é, ao processo evolutivo de um complexo geográfico.

\* \* \*

A ação geográfica dos grandes grupos torna-se possível porque eles dispõem de capitais e possuem a indispensável capacidade de investir. A geografia dos bancos se une, completando-a, sem jamais dissociar-se dela. Uma geografia dos investimentos merece ser feita, tal como se fazem geografias dos litorais ou dos

calcários, geografias da floresta, geografias da casa ou do vento, geografia das fronteiras e geografia das religiões. Assim como se estuda a produção, o comércio e o consumo do café, do trigo ou do petróleo, também se poderia estudar onde e como nascem os capitais, que caminhos seguem através do mundo, que regiões os atraem e que atividades vão desenvolver. Os investimentos representam uma corrente de tráfego, uma circulação que tem, no mínimo, tanta significação quanto o tráfego do canal de Suez ou a circulação no Mediterrâneo, pois sem os investimentos não haveria canal de Suez e no Mediterrâneo circulariam apenas uns poucos navios com cargas bem leves.

Esta geografia dos investimentos pediria, pois, de início, uma localização das regiões onde se constituem as reservas disponíveis e, ao mesmo tempo, uma explicação desta localização (e de suas mudanças). A seguir viriam a circulação e as estradas que acompanham esses investimentos. Como as estradas do ouro na Idade Média, também a circulação atual dos capitais tem um significado geográfico. Assiste-se, ao terminar a guerra, à aplicação no Marrocos, de grandes investimentos que foram o fator determinante da sua evolução industrial, do seu florescimento urbano, das rupturas de seu equilíbrio social. O afluxo de capitais aí investidos acelerou uma nova estruturação que o geógrafo não pode desconhecer. Mais recentemente, os grandes negócios franceses da Indochina, em particular o Banco da Indochina, que financiava a maioria das grandes sociedades agrícolas, industriais e comerciais, retiraram seus investimentos e encaminharam-nos para outras regiões, como a África do Norte e o Brasil. Há migrações de capitais de efeitos tão geográficos quanto as migrações humanas, pois os investimentos não se fazem ao acaso. A política de investimentos seguida por cada país exportador de capitais tem características peculiares. O papel do capital americano difere nitidamente do que exerceu, a antes das guerras mundiais, o capital britânico. Este último dava preferência aos serviços públicos e a empresas que viessem estimular as atividades gerais tais como o investimento de capitais em vias férreas, em portos, em serviços de água, de gás, de eletricidade. Considerado sob esse ângulo, o capital britânico contribuiu, nos países onde foi aplicado, para a formação de bens duradouros e aparelhamento de uma infraestrutura aproveitável pelo desenvolvimento ulterior. Os investimentos americanos, por seu lado, são encaminhados para a exploração de riquezas naturais, sobretudo minerais, mas também para o equipamento elétrico; em

segundo lugar, são empregados na organização de indústrias que são complementares das indústrias norte-americanas (por exemplo, a montagem de veículos, de aparelhos elétricos e radiofônicos). Foi dessa maneira que 63% dos investimentos particulares norte-americanos realizados no estrangeiro depois da guerra se dirigiram para as indústrias petrolíferas<sup>5</sup>. Segundo os dados estatísticos americanos, em 1950 o emprego de capitais americanos fora dos Estados Unidos, na agricultura, nas minas e na extração de petróleo atingia um total de 5.095,3 milhões de dólares e os investimentos nas indústrias, um total de 3.844,5 milhões de dólares. Uma das finalidades essenciais dos investimentos é facilitar o abastecimento de matérias-primas do país que fornece os capitais. Cerca de uma quarta parte das importações norte-americanas de matérias-primas fundamentais para o período 1946-1950 provinha de sociedades americanas operando no exterior<sup>6</sup>.

O desenvolvimento de uma indústria mineira graças à ajuda de capitais estrangeiros acarreta não apenas mudanças econômicas radicais da paisagem, mas também transformações nas economias regionais. Ainda a esse respeito o geógrafo pode trazer uma contribuição valiosa. Ele pode e deve contribuir para avaliar as consequências dos investimentos sobre as economias das nações, pois essas consequências não são automaticamente favoráveis e nem sempre apresentam a mesma marcha. Há um comportamento geográfico dos investimentos que depende das condições naturais e das circunstâncias políticas e sociais, ao mesmo tempo. Um artigo bem documentado e que aborde o problema do desenvolvimento econômico na Venezuela, na Arábia Saudita e em Porto Rico será particularmente sugestivo. Os investimentos que criam indústrias novas são concorrentes das indústrias tradicionais; deu-se isso na Venezuela onde as novas indústrias de *rayon* e de detergentes deram um golpe de morte nas velhas fábricas de sabão e abalaram seriamente as fábricas têxteis de capitais nacionais<sup>7</sup>. Em outros lugares os investimentos de origem estrangeira trouxeram salutar estímulo às indústrias e à agricultura. Compete ao geógrafo *medir* as consequências geográficas dos investimentos. Contribuirá com isso para que se avalie melhor os seus efeitos

---

<sup>5</sup> Leon A. Mears — *Private foreign Investment and economic development: Venezuela, Saudi Arabia and Porto Rico*. Inter-American Economic Affairs Washington, 1953, vol. 7, n. 1, pp. 3-19. Ver p. 3.

<sup>6</sup> Jean Dauvergne — *Lês investissements dès U.S.A. dans le Monde*. Cahiers Internationaux, Paris, 1953, n. 49, pp.65-78.

<sup>7</sup> Ver artigo citado na nota 4.

econômicos e sociais pois, não raciocinando somente em termos de finanças ou de política, o geógrafo poderá pesar melhor os grandes conjuntos.

A título de simples indicação, será apresentado a seguir um resumo do conhecimento geográfico dos investimentos na África. O estudo desses investimentos, feito com espírito geográfico, dá os seguintes resultados. Em primeiro lugar, permite caracterizar melhor umas em relação às outras, as diferentes colônias (ou países associados a conjuntos outrora coloniais) ajudando ao mesmo tempo a definir tipos de colonização. Nota-se efetivamente que o volume dos investimentos e o seu montante *per capita* é marcadamente mais elevado nos países mineiros do que naqueles onde a agricultura é essencial (em 1936, 42,8% dos investimentos se encontravam na África do Sul, ou seja, 55 libras esterlinas *por cabeça*, contra 2,49% na África Ocidental Francesa, ou 21 libras esterlinas *por cabeça*)<sup>8</sup>. A proporção dos investimentos do governo era maior nos territórios franceses do que nas colônias belgas e inglesas, onde o princípio reinante era favorável à livre empresa. O que significa também que os capitalistas franceses eram menos ousados do que os belgas e os ingleses; mas isso contribui para se compreender o atraso no desenvolvimento das colônias francesas da África negra em 1936<sup>9</sup>.

Pesquisando quais os ramos de atividade que atraíram os investimentos na África negra francesa, encontramos a seguinte distribuição (1943): 8,8% nas empresas de mineração; 11% nas industriais; 12% nas explorações florestais, a mesma percentagem nas *plantations*; e 42,8% em empresas comerciais, o que demonstra sua importância e atração. Considerando-se como empresas mais importantes as que têm cotação na bolsa, verifica-se que em 1943, duas empresas apenas reuniram mais de 84% dos investimentos. Isto é, ao lado de um número bastante elevado de empreendimentos secundários, havia dois "gigantes", a Sociedade Comercial para o Oeste Africano (franco-suíça) e a Companhia Francesa da África Ocidental (marselhesa) ambas comerciais. Fato quase idêntico se repete na África Inglesa com a John Holt e sobretudo com a Lever Brothers (Unilever), cujas filiais sob denominações diversas frutificaram tanto no Congo Belga como nas colônias

---

<sup>8</sup> Jean Dresh- Sur Une géographie des investiments de capitaux. L'exemple de l'Afrique Noire. Bulletin de l'Associatio de Géographes Français, Paris, março-Abril de 1946, n. 177-178, pp. 59-64.

<sup>9</sup> É evidente que qualquer interpretação dos investimentos deve levar em consideração os aspectos da conjuntura do país. A mentalidade do capitalismo francês é diversa da de outros capitalisms por várias razões, cuja análise só em parte cabe à geografia, mesmo a mais expansionista.

francesas. Não é difícil compreender a razão da preferência dos investimentos pelas empresas comerciais em relação às explorações de minas ou agrícolas: o capital necessário é menor e seus lucros muito vantajosos, tendo dado 25% nos maus anos e 100% nos melhores. Pode-se acrescentar, em complemento, que a Unilever se lançou na integração vertical, o que lhe permitia a sua qualidade de grande truste mundial, possuindo plantações de palmeiras oleaginosas no Congo Belga, na Nigéria e na Costa do Ouro.

Que vantagem obtém o geógrafo do conhecimento desses dados? O predomínio dos investimentos comerciais traduz o fato de que a economia colonial da África do Norte foi uma economia de troca. Depois do comércio dos homens, as sociedades fizeram o dos produtos vegetais, comprando a baixo preço o amendoim, o óleo de palma, o cacau, a banana, o rufe, e vendendo a bom preço os pingues produtos da indústria europeia. O território africano foi muito mais terra de exploração para a exportação do que de utilização nacional. Apenas iniciada a colonização, a agricultura tomou o aspecto de uma empresa de mineração, que explora um filão até o esgotamento; no caso, o filão foi o solo arável sob clima tropical. Lembrando o esgotamento dos solos do Senegal e a marcha do amendoim, pensando nas laterites de toda a África negra, poderemos estabelecer facilmente as relações entre esses investimentos comerciais e a geografia. Os contrastes entre a África Ocidental e a Indonésia, cuja situação agrícola é diversa, serão melhor compreendidos se compararmos a escassez de investimentos produtivos em uma, e sua importância na outra<sup>10</sup>.

\* \* \*

---

<sup>10</sup> Intencionalmente, nas diferentes passagens deste primeiro estudo, o autor limitou-se a indicar alguns aspectos dos problemas apresentados pelos investimentos coloniais no estrangeiro. É desnecessário dizer que muito se poderia conseguir do maior conhecimento do poder de investir e dos investimentos realizados no interior de um país. Por meio de cartas e de estatísticas tem-se mostrado o lugar de destaque de São Paulo na economia e no desenvolvimento do Brasil. Já se pensou, por acaso, em estudar a geografia do capital paulista e as modalidades pelas quais este participa das economias regionais?

Deve-se atentar bem, no entanto, para o que vem de ser dito, isto é: que o conhecimento auxiliaria a compreender melhor; *não se, disse que explicaria tudo*. Entre a Indonésia e a África Ocidental, o geógrafo que fizesse a comparação exclusivamente em função dos investimentos, talvez, raciocinasse como financista, mas certamente não obteria bons resultados sem contar com os fatores naturais e históricos.

Seria arriscado pretender que a chave de toda e qualquer explicação seja o papel representado pelo capital. Será necessário lembrar o título tão geográfico de um trabalho de Stálin: "O homem, capital mais precioso". O autor americano citado no início deste trabalho era singularmente stalinista ao insistir no papel do *people*, mas era demasiadamente puritano, deixando de indicar o instrumento de trabalho, o capital. Falar das sociedades modernas, dos países em que vivem, das paisagens por elas modeladas, sem citar o instrumento de trabalho que é o capital, é o mesmo que falar de uma sociedade rural européia, sem se referir à charrua, ou das indústrias paulistas sem falar em eletricidade. É preciso, pois, considerar os fatores financeiros como elementos do complexo geográfico; eles interessam ao geógrafo da mesma maneira que o solo, o clima, a população, etc. Interessam-no muito menos em si mesmos, como tais, do que em suas relações com os demais fatores humanos, físicos e biológicos. Para evitar qualquer confusão prejudicial, insistimos aqui na necessidade de colocar cada coisa em seu lugar.

Concedendo-se aos fatores financeiros o seu justo lugar na pesquisa geográfica, esta alargará seus horizontes, porque se aproximará mais da realidade viva, cambiante e complexa. A geografia não pode contentar-se com descrever a paisagem concreta; ela procura compreender e reconstituir o mecanismo que conduz à formação da paisagem e provoca a sua evolução. Nem todos os elementos desse mecanismo são visíveis aos nossos olhos, mas se acham à disposição da nossa curiosidade crítica. Já se disse que o geógrafo era "um olho" e a geografia uma maneira de ver. Jamais se pretendeu fazer do geógrafo uma Kodak insensível.